

IM/POLIDEZ E FACE EM INTERAÇÕES ENTRE REPÓRTER AÉREO E LOCUTOR DE RÁDIO

Marco Aurélio Silva Souza¹

Maria das Graças Dias Pereira²

Resumo: Este estudo busca examinar interações entre repórteres aéreos e locutores, com foco nas estratégias de polidez, impolidez genuína e impolidez dissimulada, enquanto atos de ameaça à face, durante serviços de reportagens aéreas sobre as condições do trânsito, em rádios da cidade do Rio de Janeiro. A abordagem teórica da pesquisa envolve o conceito de enquadre, de implicaturas conversacionais, face e estratégias de polidez e impolidez. A investigação é de natureza qualitativa e interpretativa, mediante gravação de dados em áudio e transcrição das interações verbais. A análise de dados busca: (i) verificar como se constroem as interações entre repórter aéreo e locutor nas sequências conversacionais; (ii) analisar os casos em que surgem implicaturas conversacionais e atos de ameaça à face do repórter aéreo feitas pelo locutor; (iii) mostrar como se configuram as estratégias de polidez, impolidez genuína ou impolidez dissimulada. Os resultados mostram que, nestas interações, tópicos conversacionais comuns das conversas cotidianas são relevantes para o uso de estratégias de polidez ou impolidez dissimulada. As interações que envolvem avaliações da profissão do repórter aéreo são interpretadas como atos de ameaça à face e consideradas impolidez genuína, gerando conflito e tentativas de preservação e recuperação da face positiva.

Palavras-chave: impolidez, polidez, face, repórter aéreo, rádio\

Abstract: The present study examines interactions of aerial reporters and radio presenters, focusing on strategies of politeness, genuine impoliteness and mock impoliteness, on face-threatening acts, in radio transmissions of real-time news about traffic flows in the city of Rio de Janeiro. The scope of the study involves the concept of frame, conversational implicatures, face and strategies of politeness and impoliteness. The research is qualitative and interpretative, by recording and transcription of the verbal interactions. Data analysis seeks to: (i) verify how the interactions between aerial reporter and presenter are constructed in conversational sequences; (ii) verify conversational implicatures and presenters' face-threatening acts against aerial reporters; (iii) analyze the strategies of politeness, genuine impoliteness or mock impoliteness. The results indicate that conversational topics usually present in small talks are relevant to the use of politeness or mock impoliteness strategies. The interactions that involve evaluations of the aerial reporter's job are interpreted as face-threatening acts and considered genuine impoliteness, generating conflict and attempts to save the positive face.

Keywords: impoliteness, politeness, face, aerial reporter, radio

¹ Departamento de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), Rio de Janeiro, RJ, Brasil. marcoaurelio.professor@yahoo.com.br

² Departamento de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), Rio de Janeiro, RJ, Brasil. mgdpereira@terra.com.br

Introdução

Procuramos, neste estudo, examinar as interações entre repórteres aéreos e locutores, com foco nas estratégias de polidez, impolidez genuína e impolidez dissimulada, enquanto implicaturas conversacionais e atos de ameaça à face, durante serviços de reportagens aéreas com informações sobre as condições do trânsito, em rádios da cidade do Rio de Janeiro.

O serviço de repórter aéreo é oferecido por emissoras de rádio e televisão de grandes centros urbanos do mundo. Pilotos e jornalistas em helicópteros transmitem em *flashes*, nos horários de *rush*, pontos de congestionamento, verificam condições do tráfego, fornecem opções de percursos e transmitem acontecimentos relevantes para o fluxo do trânsito: acidentes, serviços de manutenção nas vias, aspectos do cenário urbano de interesse jornalístico, notícias de impacto de interesse público, condições meteorológicas, condições dos outros meios de transporte e curiosidades.

A pesquisa tem como objetivo observar as interações entre repórteres aéreos e locutores durante serviços de reportagens aéreas em tempo real sobre as condições do trânsito, em rádios da cidade do Rio de Janeiro e (i) verificar como se constroem as interações nas sequências conversacionais, (ii) analisar os casos em que ocorrem implicaturas conversacionais e atos de ameaça à face do repórter aéreo feitas pelo locutor, e (iii) mostrar como se configuram as estratégias de polidez, impolidez genuína ou impolidez dissimulada.

A abordagem teórica da pesquisa envolve o conceito de enquadre (GOFFMAN, [1979] 2002), implicaturas conversacionais (GRICE, 1975), face (GOFFMAN, [1967] 1972) e estratégias de polidez e impolidez (BROWN; LEVINSON, [1978] 1987; CULPEPER, 2010; PERELMUTTER, 2010; HAUGH, 2011; HAUGH; BOUSFIELD, 2012) nas interações onde os tópicos são temas de conversas cotidianas (CAMERON; 1997; JOHNSON; FINLAY, 1997; JAWORSKI; COUPLAND, 2005).

A investigação é de natureza qualitativa e interpretativa (DENZIN; LINCOLN, 2006). Foram gravadas e transcritas quatro reportagens aéreas, com duas interações do repórter aéreo Gustavo Ribeiro (Gugu)³ e duas interações do repórter aéreo Leonardo Silva.

Os resultados mostram que, nestas interações, os tópicos conversacionais sobre futebol e sobre os outros amigos foram relevantes para o uso de estratégias de polidez ou impolidez dissimulada. As interações que envolvem avaliações da profissão do repórter aéreo foram interpretadas como atos de ameaça à face e consideradas impolidez genuína, gerando conflito e tentativas de preservação e recuperação da face positiva.

³ Os nomes dos repórteres aéreos, dos locutores e das rádios são fictícios.

Fundamentação teórica

Enquadre

Os significados que surgem durante as relações sociais que ocorrem em situações sociais específicas são construídos em conjunto pelos participantes durante a interação, através da linguagem. A fala é organizada de modo social e intersubjetivo nestas interações. Assim, o significado de um enunciado, especialmente em uma conversa casual, pode estar implícito, e muitas vezes não pode ser interpretado apenas a partir de regras sintáticas ou semânticas.

O conceito de enquadre desenvolvido por Goffman ([1979] 2002) é utilizado para indicar como os significados destas mensagens são interpretados pelos participantes durante a interação. O participante analisa o sentido que está sendo dado ao discurso naquele momento, naquela situação social em andamento e avalia se o discurso, naquela circunstância, é informação, conversa formal, conversa casual, piada, entrevista, brincadeira, entre outros. O enquadre se refere, portanto, ao modo como os falantes se posicionam diante do que está ocorrendo na interação, e define como cada um participa da situação em andamento.

Implicaturas conversacionais

Grice (1975) afirma que os diálogos consistem de esforços cooperativos com propósitos reconhecidos e aceitos pelos participantes, e as máximas conversacionais estão relacionadas a estes propósitos, de acordo com o modo como estão sendo empregadas e partilhadas entre os interlocutores. Neste princípio de cooperação, o autor afirma que o falante deve contribuir com a conversa do modo, altura, propósito e direção na qual foi requerido.

Grice definiu as categorias de Quantidade, Qualidade, Relação e Modo. À categoria da Quantidade correspondem as máximas onde o falante deve (1) fornecer informação suficiente e (2) evitar o excesso de informação. Na categoria da Qualidade, o falante deve (1) informar somente o que crê que seja verdadeiro e (2) não informar o que não pode provar. Na categoria Relação, o falante deve (1) ser relevante. Na categoria Modo, relacionada a como realizar a conversa, o falante deve ser claro, óbvio e (1) não ser obscuro, (2) não ser ambíguo, (3) ser breve (e não prolixo) e (4) ser ordenado.

No Princípio da Cooperação, três casos podem produzir uma implicatura conversacional: quando nenhuma máxima é violada dentro do contexto da conversa, quando uma máxima é violada em detrimento de outra e quando uma máxima simplesmente é violada. As implicaturas conversacionais são princípios pragmáticos que funcionam dentro de

contextos fatores linguísticos e extralinguísticos específicos. Estes fatores incluem a situação em que a conversa ocorre, o significado convencional das palavras utilizadas, a intenção e a identidade dos falantes e o conhecimento prévio (GRICE, 1975; MEY, [1993] 2001).

A máxima da quantidade pode ser violada pela tautologia, pela redundância; a da qualidade, pela ironia, metáfora, sarcasmo; a da relação, pela mudança de tópico; e a do modo pela falta de clareza. O autor menciona ainda que os participantes observam, durante a conversa, outras máximas, como a da polidez, que podem gerar também implicaturas não-conversacionais.

Face

O conceito de face foi originalmente desenvolvido por Goffman ([1967] 1972). A definição de face é o valor social positivo que uma pessoa efetivamente reivindica para si em relação ao que os outros participantes da interação consideram durante a comunicação. Conforme o autor, face é uma imagem de si projetada em termos de atributos sociais aprovados. Em um encontro social, os participantes procuram manter sua face e evitam comprometer a face do outro.

A pessoa terá dois pontos de vista: uma orientação defensiva que a leva a preservar sua própria face e uma orientação protetora que a leva a preservar a face do outro. Entretanto, ao tentar preservar a face de outros, a pessoa procura não ameaçar a própria; e ao preservar a própria face, a pessoa considera se as faces de outros serão ameaçadas. Além disso, a pessoa não somente preserva a própria face e protege a do outro, como também torna viável que os outros o façam (GOFFMAN, [1967] 1972, p. 14, 29).

Desenvolvendo o conceito de face, Brown e Levinson ([1978] 1987) denominaram atos de ameaça à face positiva do outro as atitudes de desaprovação e atos de ameaça à face negativa do outro as atitudes de imposição. Os autores mostraram ainda que há opções diante do ato de ameaça à face: não realizar o ato, realizar o ato diretamente, o que é considerado impolidez, realizar o ato diretamente utilizando estratégias de polidez ou realizar o ato indiretamente. De acordo com os princípios da polidez, portanto, a não ameaça à face do outro, ou seja, a preservação da face, é o padrão de comportamento indicado para evitar divergências e manter a harmonia da interação.

Polidez

O uso de estratégias de polidez está relacionado aos comportamentos sociais considerados adequados pelos interlocutores durante as interações. Está relacionado também a

características interacionais e culturais e não somente às faces positiva e negativa. O distanciamento relacional envolve primeiramente um senso de espaço próprio, um território que não deve ser invadido sem a permissão implícita do outro, assim como um sentimento de autorrespeito que uma pessoa tem pela sua própria competência (HAUGH, 2011; GOFFMAN, [1967] 1972).

Uma das formas de demonstrar polidez na interação é através de brincadeiras conversacionais com a intenção de provocar humor. Segundo Haugh e Bousfield (2012), a brincadeira foi tratada como uma estratégia de polidez por Brown e Levinson e outros que utilizaram seu modelo. Nestas demonstrações de humor, a fofoca, que surge durante a conversa, é uma estratégia discursiva que tem a função de entreter e prover informações (JAWORSKI; COUPLAND, 2005; JOHNSON; FINLAY, 1997). Cameron (1997) verificou que, em uma conversa casual entre amigos (homens), os assuntos mais abordados foram as bebidas, as mulheres, o esporte e os outros homens.

Haugh (2011) acrescenta, entretanto, que o humor dá origem não somente à polidez, mas também à impolidez, e a relação entre eles é complexa, uma vez que ser excessivamente íntimo pode ser interpretado como demonstração de impolidez, enquanto ofender um amigo, dentro de um enquadre de brincadeira, não é necessariamente interpretado como tal. Apesar de uma brincadeira conversacional que envolve outras pessoas sugerir polidez, Culpeper (2011, p. 213-215 apud HAUGH; BOUSFIELD, 2012, p. 1.102) afirma que os participantes podem não ver o evento humorístico da mesma maneira. Alguns podem entender como impolidez dissimulada e outros como impolidez genuína (mesmo que eles reconheçam que a intenção não tenha sido a de realmente ofender).

Por outro lado, atos de ameaça à face realizados como provocações bem humoradas ou como ironia, por exemplo, podem ser interpretados como indicadores de naturalidade compartilhada (Haugh, 2011), assim como a autodepreciação (vista como ato de ameaça à própria face), que se configuram como humor, percebido nos risos compartilhados e, diferentemente da perspectiva de Brown e Levinson, interpretados como polidez pelos participantes.

Impolidez

Dos estudos sobre os modelos de polidez surgiram diversas pesquisas sobre impolidez. Culpeper (2010, p. 3.233) define impolidez como uma atitude negativa relacionada a comportamentos específicos que ocorrem em contextos específicos, sustentada por expectativas, desejos e/ou crenças sobre a organização social, incluindo, em particular, como

as identidades de uma pessoa ou de um grupo são mediadas pelos outros na interação.

O autor verificou que certos comportamentos são vistos de modo negativo quando entram em conflito com a forma como os participantes da interação esperam que estes comportamentos sejam, como querem que sejam e/ou como pensam que deveriam ser. Tais comportamentos sempre têm, ou se presume que devam ter, consequências emocionais para pelo menos um participante. Isto é, eles ofendem, ou se presume que deveriam ofender. Vários fatores podem agravar quão ofensivo se considera a impolidez, por exemplo, se o ofendido acha que a ofensa foi intencional ou não.

Perelmuter (2010) considera que a impolidez se refere a qualquer comportamento verbal ameaçador à face do interlocutor, mas acredita que a polidez e impolidez devem ser examinadas através de estudos mais amplos do modo como funcionam os relacionamentos. Desta forma, um ataque à face positiva do interlocutor pode ser considerado impolidez.

Culpeper (2010) argumenta que a atividade discursiva, por definição, está focada em dinâmicas e significados construídos localmente e mostra que nada garante que, em determinado contexto, a impolidez será interpretada como tal. O autor estabelece o conceito de fórmulas de impolidez, relacionados aos atos de ameaça à face positiva, e afirma que não são os únicos modos de demonstrar impolidez, uma vez que ela pode ser desencadeada por algo não verbal ou por implicatura. As fórmulas de impolidez são classificadas pelo autor dentro de algumas características, aqui resumidas: insultos; reclamações ou críticas dirigidas; perguntas desafiadoras ou intragáveis e/ou pressuposições; condescendência; reforçadores da mensagem; rejeições; silenciadores; ameaças; e expressões negativas, como pragas e blasfêmias.

Haugh e Bousfield (2012) estabeleceram também a noção de não-impolidez, que acreditam que seja usada para se referir a um tipo de ofensa admissível, apoiada no relacionamento. Assim como a não-impolidez, as práticas de escárnio, ridicularização ou insulto irônico podem, em muitos casos, gerar avaliações de impolidez dissimulada, ao invés de polidez ou impolidez. Isso ocorre porque a impolidez dissimulada não é nem uma forma de polidez nem de impolidez propriamente dita, e, segundo os autores, deve ser analisada de modo independente e até mesmo teorizada desta forma.

Os autores exemplificam o escárnio como impolidez, mas, uma vez que é considerado falso – dissimulado, simulado, fingido, disfarçado – pelos participantes, é entendido como um meio de transmitir polidez e criar ou afirmar solidariedade. A impolidez superficial é entendida como não intencional para causar ofensa, refletindo e alimentando a relação social.

A impolidez dissimulada é considerada, no entanto, de alto risco, isto é, impolidez em

potencial. Ocorre em interações entre pessoas íntimas ou entre amigos e configura-se como um meio de demonstrar que a relação é tão forte e tão bem estabelecida que não pode ser ameaçada por expressões aparentemente grosseiras. Entretanto, a impolidez dissimulada deve ser analisada adequadamente como uma avaliação e não ser vista simplesmente como uma forma variante de polidez ou impolidez.

Aspectos metodológicos

Esta pesquisa se caracteriza pela investigação de natureza qualitativa e interpretativa (DENZIN; LINCOLN, 2006), a partir da observação empírica da fala-em-interação, na perspectiva interacionista, com os sujeitos situados em seus respectivos contextos.

A análise baseia-se em dados gerados mediante gravação de quatro reportagens aéreas, com duas interações entre o repórter aéreo Gustavo Ribeiro e o locutor João Miguel, na rádio FM A, e duas interações entre o repórter aéreo Leonardo Silva e os locutores Pedro Henrique e Murilo, na rádio FM B. A seleção dos dados se deu a partir da verificação de trechos em que ocorrem brincadeiras conversacionais, implicaturas e atos de ameaça à face.

As gravações foram realizadas em computador, a partir das páginas das emissoras na Internet (*streaming*) ou por sintonia FM em *smartphone*, e as transcrições se baseiam nas convenções da análise da conversa.

Análises das interações

Nas rádios pesquisadas – FM A, onde atua o repórter aéreo Gustavo Ribeiro (Gugu), e FM B, onde atua o repórter aéreo Leonardo Silva – o humor está presente de forma constante na interação entre locutores, repórteres e o público ouvinte (audiência). A presença do humor é decorrente das características das rádios: populares, ecléticas, com programação voltada para o público jovem, veiculação de música de massa, entrevistas, participação dos ouvintes e quadros humorísticos em linguagem espontânea e informal.

Interação 1: “Eu conto com a sua força”

Nesta interação, realizada na Rádio FM B, o repórter aéreo Leonardo Silva solicita ao locutor Pedro Henrique que este faça parte da torcida por seu clube de futebol, que jogará naquela noite.

66 Leonardo sobrevoei o estádio mais lindo, mais bonito,
67 mais charmoso e mais histórico

68 [do Rio de Janeiro]
 69 Pedro [menos, menos]
 70 Leonardo que é o estádio de São [Januário] né?
 71 Pedro [menos] menos
 72 Leonardo a torcida cruzmaltina aos pouquinhos começa a chegar.
 73 mas o trânsito ainda está bom ali,
 74 no entorno, de São Januário
 75 e eu ↑conto com a sua força valeu Pedro Henrique::?
 76 Pedro tá bom, Leonardo, tá bom.
 77 Leonardo [((risos))]
 78 Pedro [valeu] valeu [valeu]
 79 Leonardo [valeu] meu camarada.

Nas conversas entre amigos, o esporte é um dos temas normalmente abordados. Na interação 1, o enquadre de informações é substituído pelo enquadre de brincadeira entre o repórter aéreo e o locutor, e inicia a partir dos elogios que aquele faz ao estádio que pertence ao clube de futebol para o qual torce. O nome do clube não é mencionado, mas está implícito na conversa (linhas 70 e 72) e é de conhecimento prévio do locutor, que torce por outro clube, e da audiência. A entonação e o ritmo que Leonardo Silva aplica à solicitação que faz a Pedro Henrique (linha 75) demonstra o tom de brincadeira da interação. A resposta irônica do locutor (linha 76) mostra que este concordou com a brincadeira, simulando, na entonação e na repetição, que acatará o pedido do repórter aéreo.

Nesta brincadeira, o repórter aéreo viola as máximas conversacionais do modo e da qualidade, gerando implicaturas conversacionais onde o locutor e os ouvintes podem inferir o clube. A imposição do repórter aéreo poderia ser considerada ato de ameaça à face negativa do locutor. Entretanto, no ambiente de brincadeira entre amigos, o locutor considera o pedido de torcer por outro time de futebol uma ofensa admissível, e interpreta o ato como impolidez dissimulada.

Interação 2: “Ele é barbeiro mesmo”

O repórter aéreo Gugu (Gustavo Ribeiro), da rádio FM A, ao conversar com o locutor (não identificado), considera que outro locutor da mesma rádio, João Miguel, não sabe andar de motocicleta.

01 Locutor e Á Guguzinho?
 02 Gugu e aí ()? tudo tranquilo meu [camarada]?
 03 Locutor [tudo BEM] querido?
 04 Gugu () meu camarada, graças a Deus.
 05 () se o João Miguel for te render aí

06 se o líder não indicou o João pro paredão-
07 Locutor ãhn
08 Gugu eh: você tá ferrado tá meu amigo
09 Locutor [ah é?]
10 Gugu [e tira] o colchonete aí e tira um cochilin'
11 porque tu vai mofá par[cero].
12 Locutor [()] GRAÇas ao bom Deus
13 ele só vai chegá às dez da noite.
14 Gugu não é ele não [né]?
15 Locutor [NÃO] não não [>não<]
16 Gugu [que] belezentão
17 >não< porque tem um congestionamento lo:ngo à beça
18 ali, pelos lados da: Washington Luís
19 e o João () pode vir de moto (por lá)
20 sabe que ele sai quebrando tudo quanto é [retrovisor, né?]
21 Locutor [((risos))]
22 Gugu éh, o pessoal perdoa ele tá? [>não é:<] nao é maldade não
23 Locutor [hhh]
24 Gugu >é< porque ele é barbeiro mesmo de moto >entendeu?<
25 Locutor gastou um dinheiro esses dias [né]?
26 Gugu [éh]
27 porque tirou aquelas rodinhas >né<?
28 ele comprou aquela moto
29 [com aquela rodinha, resolveu tirar] aí cai toda hora.
30 Locutor [((risos))]

Na interação 2, o repórter aéreo, dentro de um enquadre de conversa casual entre amigos, como podemos perceber nas saudações iniciais (linhas 01 a 04), inicia (linha 05) uma brincadeira contextualizada com a função de informar acerca das condições do trânsito. Gugu afirma para o locutor com o qual está interagindo que o outro locutor, João Miguel, ao andar de motocicleta (linha 19) entre os carros, durante o congestionamento (linha 17), quebrará os retrovisores (linha 20) por não saber pilotar corretamente o veículo (linha 24).

A afirmação de que o amigo usava motocicleta com rodinhas viola a máxima da qualidade, pois se configura como uma informação falsa para os ouvintes e para o locutor e a implicatura conversacional é claramente direcionada para a produção de humor.

A brincadeira provoca risos no locutor (linhas 21 e 30), demonstrando que não considera o ato de ameaça à face do outro locutor, João Miguel, como impolidez por parte de Gugu. Uma vez que um dos temas normalmente presentes nas conversas casuais entre amigos são os outros amigos, a fofoca é uma estratégia discursiva utilizada para a produção de humor como estratégia de polidez. Ao considerar o ato como uma ofensa admissível no relacionamento entre amigos, o locutor interpreta a brincadeira como não-impolidez ou como impolidez dissimulada.

Interação 3: “Você é o mensageiro do Apocalipse”

Na interação 3, na rádio FM A, o locutor João Miguel assume antecipadamente que o repórter aéreo Gugu (Gustavo Ribeiro) informará que está chovendo e que o trânsito estará congestionado.

- 01 João muito be:m
02 seis horas, um minuto no Rio.
03 vamos ao primeiro contato da noite de hoje,
04 com o nosso repórter aéreo Gustavo Ribeiro.
05 boa noite, Guguzinho::
06 Gugu boa no::ite, João Miguel:: >galera da FM A<
07 tudo tranquilo amigão?
08 João tudo ótimo até a sua chega:da
09 co:m as [mensa::gen:s]
10 Gugu [↓porque ()] chegada aqui [rapaz?]
11 João [porque]
12 você é o mensageiro do apocalipse [>qué vê?<]
13 Gugu [<eu não] cara>
14 João vai falá que tá chovendo, vai falá [que o trânsito tá para-]
15 Gugu [>não<. não tá chovendo]
16 João não? não tá chovendo [não?]
17 Gugu [>não<.] não tá chovendo.
18 João >tá bom< cinquenta por cento de alívio pra você.(((funga)))
19 Gugu [ham!]
20 João e aí? comé qui tá o trânsito?
21 Gugu ué? o trânsito na Ponte pra Niterói >tá bom<
22 (0.8)
23 João Ah-(.) pra Niterói?
24 Gugu >tá bom<
25 João >ué< mentira, TÁ?
26 Gugu >tá bom<
27 João Ô:[ho]
28 Gugu [ué?]>[en]tão?<tá [vendo?][()]
29 João [De-] [Deus][é pai] num é padrasto [né? ca-]
30 Gugu [exatam-]
31 ah, engraçado, quando eu vejo congestionamento a culpa é minha,
32 quando o trânsito tá bom é Deus [né? ((risos))()pra caramba]
33 João [((gargalhadas)) (4.5)]
34 Gugu parcerão tu hein?
35 João [((gargalhadas)) 3.5] [((risos))]
36 Gugu [que coisa hein?] [é:,] valeu ()
37 João () tá bom Gugu, tá perdoado, num [preci]sa chorá
38 Gugu [((risos))]
39 João [daqui a] pouco cê vai querê pulá do helicóptero
40 Gugu [°olha aí°]

41 não. De jeito nenhum.
 42 fica tranq- isso aí nunca vai acontecer não, pra sua tristeza,
 43 não vai acontecer [[[risos]]]
 44 João [[[risos]]) vamo lá, vam' pro trânsito.

Após as saudações iniciais (linhas 05 a 07), dentro do enquadre de conversa casual entre amigos, o locutor João Miguel inicia um enquadre de brincadeira (linhas 08, 09, 11 e 12) com características de impolidez dissimulada, presente nas conversas casuais entre amigos. No entanto, a avaliação do locutor, na rádio ao vivo, de que o repórter aéreo traz sempre notícias ruins (trânsito congestionado e chuva), que são vistas de forma negativa pela audiência (ouvintes), foi considerada por Gugu como um ato de ameaça à sua face positiva, e aparentemente interpretada como ofensa e impolidez.

Gugu rebate as informações negativas preconcebidas pelo locutor (linhas 15, 17, 21, 24 e 26), e procura, através da refutação (linha 28), restaurar sua face. Percebe-se que os risos dos interlocutores não são simultâneos (linhas 33, 35 e 38), demonstrando que a brincadeira não foi interpretada da mesma maneira pelo locutor e pelo repórter aéreo. Gugu também utiliza um tom irônico ao demonstrar que discorda da avaliação de João Miguel (linhas 34 e 36), e gerando uma implicatura conversacional ao violar a máxima da qualidade, dizendo algo que é diferente do que parece estar realmente pensando.

A atitude de desaprovação ou de avaliação negativa do trabalho pelo locutor parece ter sido, portanto, considerada ato de ameaça à face positiva do repórter aéreo e, conseqüentemente, interpretada por este como impolidez genuína.

A impolidez dissimulada iniciada pelo locutor demonstrou que esta é uma estratégia de envolvimento de alto risco, por ter sido interpretada como impolidez genuína pelo repórter aéreo, a partir das fórmulas convencionalizadas de impolidez da crítica e da pressuposição.

Interação 4: “Fiquei esperando a chuva”

Na interação 4, na rádio FM B, o locutor Murilo reclama com o repórter aéreo Leonardo Silva que este teria transmitido uma informação incorreta acerca da previsão do tempo. O repórter aéreo procura explicar porque a previsão não se consolidou.

04 Leonardo Murilo, o Aterro do Flamengo [tá legal] [oi] [hã]
 05 Murilo [ó, peraí] prof[es]sor [cal]ma calma
 06 fiquei esperando a chuva que ontem o senhor disse
 07 que ia chegar e tô até agora [esperando]
 08 Leonardo [Não, ma-]
 09 mas eu me fiei

10 Murilo [hã]
 11 Leonardo [pe]las informações da meteorolo[gia], entendeu?
 12 Murilo [hã]
 13 Leonardo ela não veio ontem mas veio hoje.
 14 choveu muito durante a noite e às vezes acontece
 15 mas uma coisa que é interessante ô ô Murilo,
 16 a gente tem que dá um desconto
 17 aí pro pessoal da meteorologia.
 18 que eles tã- eles tão com a precisão ↑ muito grande.
 19 ontem sim ó >às veze-< tudo tem exceção né?
 20 Murilo [é::]
 21 Leonardo [mas](.)
 22 ontem, essa chuva que eles anunciavam pra cá
 23 eu tava ouvindainda pouco, disabô na Região Serrana.
 24 em algumas áreas lá da Região Serrana, entendeu?
 25 quem agradeceu, mandaram até um email agradecendo
 26 foi o cara que vendeu guarda-chuva [[[risos]]]
 27 Murilo [[[risos]]]
 28 [((risos))]
 29 Leonardo lá no Centro da Cida:[((risos))de((risos))]
 30 o cara vendeu cento e cinquenta guarda-chuvas, rapaz.
 31 Murilo ah::
 32 Leonardo aí ligô praagradecê a minina lá a
 33 Murilo mu[ito bom]
 34 Leonardo [a Patrí]cia Madera da Climatedo,
 35 dizendo que vendeu guarda-chuva à beça.
 36 Murilo [muito bom] muito [bom muito bom]
 37 Leonardo [((risos))] [mas a chuva não] veio, né?
 38 mas isso acontece, né?

Esta interação mostra uma avaliação do locutor Murilo em relação às informações sobre a meteorologia, um dos tópicos institucionais da transmissão do repórter aéreo. O repórter aéreo teria informado, no dia anterior, que haveria chuva no fim do dia e o locutor argumenta que a informação não se consolidou. Esta avaliação negativa do trabalho do repórter aéreo Leonardo Silva configura uma demonstração de impolidez por não considerar o autorrespeito que uma pessoa tem pela sua própria competência, além de se configurar também fórmulas de impolidez convencionalizada da reclamação ou crítica dirigida.

A demonstração de que considerou a avaliação um ato de ameaça à sua face positiva pode ser percebida na interrupção que o repórter aéreo Leonardo Silva faz ao turno do locutor Murilo (linha 08), ao iniciar uma estratégia de restauração de sua face (linhas 09 e 11). O repórter aéreo realiza longos turnos para justificar a informação e defender sua face (linhas 13 a 19, 21 a 24 e 38) e as faces da pessoa e da instituição responsável pelas informações sobre o tempo (linhas 16 a 18, 32 e 34), buscando a aprovação do locutor para suas justificativas,

utilizando os marcadores conversacionais “entendeu?” (linhas 11 e 24) e “né?” (linhas 19, 37 e 38).

Leonardo Silva inicia, então, um enquadre de brincadeira (linha 25), compartilhada por Murilo e demonstrada através dos risos simultâneos (linhas 26, 27, 28, 29 e 37) e da concordância do locutor (linhas 33 e 36). O enquadre de brincadeira pode ter sido iniciado pelo repórter aéreo como estratégia de polidez e ao mesmo tempo, como estratégia de restauração da face, mediante a avaliação negativa do locutor.

Uma implicatura conversacional surge na linha 25, quando o repórter aéreo, ao comentar sobre uma mensagem de agradecimento, aparentemente viola a máxima da relação, introduzindo um tema diferente do que estava em andamento. No entanto, no curso da interação, o repórter mostra que o tema é relevante e se relaciona com o tópico, desfazendo a aparente violação da máxima, e mostrando que o enquadre de brincadeira conversacional determinou a preservação de face.

Conclusão

Procuramos neste estudo analisar as interações entre os repórteres aéreos Gustavo Ribeiro (Gugu) e Leonardo Silva e os locutores das duas rádios e identificar, nas brincadeiras conversacionais que surgem durante as conversas casuais, implicaturas conversacionais e atos de ameaça à face, e quando estas se configuram como estratégias de polidez, impolidez dissimulada ou impolidez genuína.

Nas interações verificadas, os tópicos conversacionais sobre futebol ou sobre outros amigos foram relevantes para o uso de estratégias de polidez ou impolidez dissimulada. Por outro lado, os tópicos que envolveram avaliação da profissão do repórter aéreo foram interpretados como atos de ameaça à face e considerados impolidez genuína, gerando conflitos e tentativas de preservação e recuperação da face.

As implicaturas conversacionais, os enquadres de conversa casual entre amigos e de brincadeira e os atos de ameaça à face verificados nas interações entre os interlocutores mostraram que as estratégias de polidez e de impolidez são dinâmicas e devem ser interpretadas na interação, pois o que um dos interlocutores considera como polidez – brincadeiras conversacionais – pode ser interpretado como impolidez – atos de ameaça à face – pelo outro.

Ao realizar estas análises sobre a polidez e sua relação com a face positiva e sobre a impolidez e suas variações procuramos acrescentar novas perspectivas aos estudos da sociolinguística na linguagem do rádio, um ambiente institucional ainda pouco explorado em

seus aspectos interacionais.

Referências

BROWN, P.; LEVINSON, S. **Politeness**: some universals in language usage. Cambridge: Cambridge University Press, [1978] 1987.

CAMERON, Deborah. Performing Gender Identity: Young Men's talk and the Construction of Heterosexual Masculinity. In: JOHNSON, Sally; MEINHOF, Ulrike Hanna. (Eds.). **Language and Masculinity**. Oxford, UK: Blackwell Publishers, 1997. p. 47-66.

CULPEPER, Jonathan. Conventionalised impoliteness formulae. In: **Journal of Pragmatics**, v. 42, Issue 12, dez. 2010. p. 3.232-3.245.

DENZIN, Norman K; LINCOLN, Yvonna S. Introdução: a disciplina e a prática da pesquisa qualitativa. In: DENZIN, Norman K; LINCOLN, Yvonna S. **O planejamento da pesquisa qualitativa**: teorias e abordagens. Porto Alegre: Artmed, 2006. p. 193-217.

GOFFMAN, E. On face-work: an analysis of ritual elements in social interaction. In: _____. **Interactional ritual**: essays in face-to-face behaviour. England: Penguin Books Ltd., [1967] 1972. p. 5-46.

_____. Footing. In: RIBEIRO, Branca Telles; GARCEZ, Pedro M. (Orgs.). **Sociolinguística interacional**. São Paulo: Edições Loyola, [1979] 2002. cap. 5, p. 107-148.

GRICE, P. H. Logic and conversation. In: COLE, Peter; MORGAN, Jerry L. (Eds.). **Syntax and Semantics**: Speech Acts, v. 3, New York: Academic Press, 1975, p. 41-58.

HAUGH, Michael. Humour, face and im/politeness in getting acquainted. In: DAVIES, Bethan; HAUGH, Michael; MERRISON, Andrew. (Eds.). **Situated Politeness**. Continuum: London, 2011. p. 165-184.

_____; BOUSFIELD, Derek. Mock impoliteness, jocular mockery and jocular abuse in Australian and British English. **Journal of Pragmatics**, v. 44, Issue 9, jul. 2012. p. 1.099-1.114.

JAWORSKI, Adam; COUPLAND, Justine. Othering in gossip: “you go out you have a laugh and you can pull yeah okay but like...”: **Language in Society**, n. 34, 2005. p. 667-694.

JOHNSON, Sally; FINLAY, Frank. Do Men Gossip? An Analysis of Football Talk on Television. In: JOHNSON, Sally; MEINHOF, Ulrike Hanna. (Eds.). **Language and Masculinity**. Oxford, UK: Blackwell Publishers, 1997. p. 47-66.

MEY, Jacob L. **Pragmatics: an introduction**. 2. ed. Blackwell Publishing: Malden, USA, [1993] 2001.

PERELMUTTER, Renee. Impoliteness recycled: subject ellipsis in modern russian complaint discourse. **Journal of Pragmatics**, v. 42, Issue 12, dez. 2010. p. 3.214-3.231.

Artigo recebido em: 30/08/2015

Artigo aceito em: 15/10/2015

Artigo publicado em: 28/12/2015